

CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA E COMUNIDADE SUSTENTÁVEL: DESAFIOS PARA O SERVIÇO SOCIAL

Denise F. DORNELLES*

RESUMO: Este texto discute a necessidade de propagação da consciência ecológica e as características de uma comunidade sustentável, a análise é desenvolvida a partir de uma pesquisa realizada sobre a prática de um assistente social em campo de inserção ainda pouco investido pelo serviço social, e que já está demandando uma maior atenção do profissional para este espaço de intervenção. Nas conclusões apresento, com base na análise desenvolvida, uma crítica sobre os limites do paradigma vigente.

PALAVRAS CHAVE: Consciência; Novas expressões da questão social; Sustentabilidade.

I Propósitos do debate

Vivemos um mundo onde o medo, a desordem, a insegurança e a instabilidade têm sido uma característica dos fenômenos da realidade. Paradoxalmente tem sido uma constante a multiplicação de organizações cuja gênese e dinâmica são marcadas por algumas dessas características. A complexidade que emana dessas organizações convoca todos a estarem frente a frente com questões que, contemporaneamente, instigam a pensar, entre outras coisas, que o caos, por exemplo, é fonte também de organização dos sistemas vivos.

A presença crescente de organizações marcadas pela imprevisibilidade, instabilidade e diversidade provoca inúmeras reações que perpassam vários níveis, desde o micro e singular até o macro plural. Entender essa multiplicidade de ações e dialogar com toda a gama de movimentos que isso demanda faz com que se busque o olhar plural para o enfrentamento da dramática

* (TANDANAHUI, Yashoda) Pós-doutoranda pela CAPES no CES- Universidade de Coimbra-UC/Portugal; Doutora em Serviço Social; Professora e pesquisadora do Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania e da Escola de Serviço Social-UCSal; Coordenadora da Pesquisa “A análise do Programa Bolsa Família na RMS: o estudo de caso do município de Camaçari/Bahia”. Membro fundador da ONG Comunidade Morada da Paz localizada em Triunfo/RS e do Instituto Ekos de Ecologia Humana Social/BA; coordenadora do Grupo de Estudos sobre o Pensamento Social Contemporâneo.
E-mail: denisefd@gmail.com/denise.dornelles@pesquisadora.cnpq.br

mudança de concepções e idéias que vêm ocorrendo durante os primeiros anos deste século.

O desafio de fazer este estudo vem representando um contínuo movimento de ordem-desordem-ordem. Isso evidencia, a cada instante, que a dimensão de complexidade da realidade, campo privilegiado de atuação do Serviço Social, exige um saber aplicável que se faz a partir de uma construção coletiva.

Assim, parti do reconhecimento de que problemáticas originárias de catástrofe natural e do mau uso dos recursos oferecidos pela natureza, dos desabrigados, vítimas de enchentes, dos desabrigados por furacões, das doenças endêmicas causadas por poluição, do nomadismo de famílias inteiras, provocado por secas/estiagem, configuram-se como expressões contemporâneas da questão social.

Desse modo, a metodologia de ação, a determinação e as repercussões dos processos interativos presentes na análise da prática profissional desenvolvida pelo assistente social em uma comunidade sustentável na interação com diferentes profissionais, que teve como cenário a Comunidade Morada da Paz, podem ser aplicadas em outra instituição com as mesmas similaridades ou até mesmo naquelas que não as apresentam.

Com base na pesquisa qualitativa, utilizaram-se entrevistas semi-estruturadas com residentes em uma comunidade sustentável, diário de campo, observação participante e fotografias que forneceram o material empírico para análise do cotidiano da comunidade. Estas informações foram sistematizadas e analisadas com base no que denominei de eixos operadores de análise. Previamente estabelecidos, de forma que possibilitasse que o estudo pudesse ser replicado em outros universos que apresentem as mesmas características do cenário no qual a pesquisa se desenvolveu, ou não.

II Matriz Teórica que dá Base ao Estudo

Para a análise dessas aproximações teóricas é usado, como foco de estudo o cotidiano da prática profissional de um assistente social em uma comunidade sustentável - a Comunidade Morada da Paz.

Ao explicitar o caminho recorrido, foi escolhido um eixo teórico como seu fio condutor: a consciência ecológica e, nesse sentido, socializa-se, como ponto propulsor do estudo, a

possibilidade de assumir, através do serviço social, no espaço da formação profissional, a consciência ecológica como um eixo de orientação para a formulação de conteúdos e disciplinas que contribuam para capacitar os futuros assistentes sociais a virem trabalhar com as demandas emergentes da questão social como o meio ambiente, por exemplo, focado também neste estudo.

Considere ainda o desafio como uma categoria do tempo presente, como possibilidade para o serviço social estabelecer interações permeadas por ordem-desordem-ordem, característica própria de nosso campo de intervenção, através de um diálogo operativo com a ecologia, a partir de uma consciência ecológica. Nesse estudo, também são apresentados exemplos de interações desencadeadas na Comunidade Morada da Paz, palco onde o mesmo se desenvolveu.

Busquei evidenciar as interações, destacando-se os avanços e recuos na prática e no praticante. De outra parte, sinalizam-se algumas tendências apontando ações que podem vir a efetivar a necessidade de que a consciência ecológica, a partir da teoria da complexidade, passe a compor o arcabouço ético-político e teórico-metodológico do serviço social.

Por fim, resgato as principais descobertas realizadas no decorrer do estudo, as dificuldades, as angústias. Menciono também os projetos construídos pela/na Comunidade Morada da Paz em colaboração com o Serviço Social, bem como alguns projetos em andamento, que podem vir a instigar outros estudantes e profissionais a desencadear ações inter-relacionadas com a consciência ecológica e sua interface com o serviço social, para que, deste modo, venham a contribuir para transformar o real.

Toda objetividade repousa na subjetividade e, assim, toda construção teórica traz também consigo a história de quem escreveu, a sua maneira de pensar, de perceber a realidade, de interpretar e compreender os acontecimentos da vida. (MORAES, 2004, p. 7).

III O perfil do cenário onde se desenvolveu o estudo

A Comunidade Morada da Paz configurou-se em 2002 como ONG, uma entidade sem fins lucrativos, voltada para a defesa do meio ambiente, o desenvolvimento sustentável, a educação e a

saúde holísticas. Legitimada legalmente implementou sua busca no sentido de se tornar o ser social adequado para a comunidade maior que o cerca, bem como para si própria¹.

Assim, é importante analisar agora o modo como os caminhos do Serviço Social chegaram a contribuir para a instituição que tem, na centralidade de suas ações, a defesa do meio ambiente, o desenvolvimento sustentável, a permacultura e, ainda, descrever e analisar a repercussão deste novo contexto no cotidiano da prática profissional.

Mais do que nunca, estamos diante de uma nova forma de conceber o saber, não um saber como posse, não um saber apenas como aquele campo de conhecimento sobre o qual se tem domínio, mas um saber como algo que se exerce, o saber como encontro heterodoxo de signos. (MARTINELLI, 1998, p. 136).

A comunidade Morada da Paz apresenta características singulares, por ser uma comunidade em que as pessoas partilham o dinheiro, as decisões, os projetos. Morar e trabalhar na comunidade, por si só, já são uma forma diferente de estabelecer uma relação interpessoal e profissional que interage em diferentes áreas do saber, cultura e histórias de vida.

A Comunidade Morada da Paz é caracterizada como uma comunidade sustentável. É uma comunidade que visa o desenvolvimento das suas atividades seguindo princípios que garantam a sustentabilidade da vida. Não se trata de, neste momento que o mundo atravessa, simplesmente falar em desenvolvimento econômico e social, mas principalmente da capacidade de sustento do ser humano e do próprio planeta Terra. O maior desafio neste novo século é compatibilizar aquilo que é necessário para a sua subsistência com o que a natureza pode oferecer, segundo DALY (1984). A sustentabilidade representa uma proposta em que os indivíduos como seres integrados à natureza, com ela troquem saberes e utilizem os recursos de uma forma racional, harmônica e equilibrada visando garantir o seu proveito pelas gerações futuras.

¹ Itens retirados do Estatuto da Organização e de seu Código de Conduta (que é similar a um Regimento Interno).

As comunidades sustentáveis seguem o princípio do zoneamento ecológico-econômico, isto é, um plano estratégico para a ocupação do espaço geográfico segundo uma perspectiva de uso sustentável da energia (solar, eólica, mecânica), procurando minimizar os impactos ambientais causados pela ocupação humana no ambiente natural, aproveitando, por exemplo, matéria orgânica dos sanitários, em composteiras para posterior uso na lavoura, a estocagem da água da chuva em cisternas, além de construções ecológicas com materiais que não exijam grande dispêndio de energia para a sua fabricação, como o plástico, ou o concreto, por exemplo. As casas são projetadas prevendo o uso de materiais e técnicas de construção alternativa. Alguns materiais utilizados são tijolos de barro, palha, juncos, além de madeira, naturalmente. Construções denominadas de bioconstrução.

Dentro deste contexto desempenham um papel central para uma forma de vida sustentável, os princípios da permacultura.

Permacultura pode ser definida como "agricultura permanente", e seu conceito foi desenvolvido nos anos setenta por dois australianos, David Holmgren e Bill Mollison. Consiste no desenho e manutenção de pequenos ecossistemas produtivos, junto com a integração harmônica do entorno, das pessoas e suas vidas, proporcionando respostas a suas necessidades de uma maneira sustentável. O princípio básico da Permacultura é o de trabalhar "com", ou "a favor de", e não "contra" a natureza. Os sistemas permaculturais são construídos para durar tanto quanto seja possível, com um mínimo de manutenção. Esses sistemas são tipicamente energizados pelo sol, o vento e a água, produzindo o suficiente, tanto para sua própria necessidade como para a dos humanos que os criam e controlam. Desta maneira, o sistema é sustentável.

Existem muitas comunidades sustentáveis sendo formadas no Brasil, e inclusive há a GEN (*Global Ecovillage Network*), uma organização não-governamental internacional que congrega comunidades sustentáveis e/ou ecovilas, como também são denominadas no mundo inteiro, com a finalidade de realizar atividades de intercâmbio e, ainda, de apoiar iniciativas que visem o fomento de novas ecovilas.

As peculiaridades encontradas na Comunidade Morada da Paz, que a distinguem das demais, talvez estejam no seu modo de organização. Ou melhor, da auto-eco-organização.

Ao compreender como se configuram os processos auto-organizativos nos sistemas vivos e complexos, pode entender que este é o modo como a Comunidade se organiza. Uma organização surgida na contemporaneidade, com características da dinâmica tão acelerada e imprevisível da realidade.

IV Consciência Ecológica: Eixo Catalisador do Estudo

A consciência ecológica tem sua epistemologia baseada no pensamento sistêmico, na teoria da auto-organização e no paradigma da complexidade, e, a partir dela, são trabalhadas as múltiplas formas de significar o mundo, com base no acolhimento, na valorização das diferenças. Para MORIN (2002b, p. 111, grifo do autor),

a consciência ecológica não é apenas a tomada de consciência da degradação da natureza. É a tomada de consciência, na esteira da ciência ecológica, do próprio caráter da nossa relação com a natureza viva: aparece na idéia de duas faces que a sociedade é vitalmente dependente da eco-organização natural e que está profundamente comprometida, trabalhada e degradada nos e pelos processos sociais. Desde aí, a consciência ecológica aprofunda-se em consciência eco-antropossocial; desenvolve-se em consciência política na tomada de consciência de que a desorganização da natureza suscita o problema da organização da sociedade. A consciência eco-política suscita um “movimento” de mil formas individuais (ética e diéticas), e coletivas, existenciais e militantes.

À base desta nova percepção, sente-se a necessidade de uma utilização nova da ciência e da técnica com a natureza e não contra a natureza, impõe-se a tarefa de ecologizar tudo o que fazemos e pensamos, rejeitar os conceitos fechados, desconfiar das causalidades unidirecionadas e, como afirma BOFF (1996, p. 32)

[...] propor-se ser inclusivo contra todas as exclusões, conjuntivo contra todas as disjunções, holístico contra todos os reducionismos, complexo contra todas as simplificações.

Assim, o novo paradigma começa a fazer sua história.

A responsabilidade do Serviço Social ante a complexidade do dilema existente entre crescimento e exclusão social, passa a exigir do profissional novas intervenções. Quanto mais estudamos os problemas do nosso tempo, mais compreendemos que eles não podem ser entendidos isoladamente, pois são problemas sistêmicos, o que significa que são interconectados e interdependentes.

A natureza cíclica dos processos ecológicos é um importante princípio da ecologia. Percebe-se isso no movimento próprio da história da humanidade.

O modo de vida atual ainda é decorrente de duas grandes revoluções ocorridas na humanidade: de um lado a revolução agrícola e, de outro, a industrial. Nos últimos dez mil anos o homem caçador-coletor passou a praticar a agricultura, a domesticar e a criar animais. A partir desse tempo, a vida sobre a Terra vem-se modificando numa velocidade cada vez mais galopante.² Todo o movimento da humanidade, em cada era, evoca nossa porção sapiens enquanto animais capazes de desejos e de ânsias por saberes diversos e pela capacidade de nos maravilhamos diante do mundo em que vivemos, mas também evoca nossa parte demens, pela qual somos capazes de, por acomodação e acumulação, destruir, desprezar, desrespeitar.

Esse movimento cíclico também já foi anunciado por Galileu Galilei há milhões de anos atrás quando dizia que a terra era redonda, Heráclito de Éfeso, mais ou menos 550 a 480 a.C., sustentava que tudo no mundo se encontra em permanente transformação, que nada tem consistência, e quase contemporaneamente, Demócrito, em 480 a 370 a.C. já afirmava que toda a matéria era composta de pequeníssimas partículas, originando uma das mais complexas descobertas de todos os tempos, o átomo. A partir dessas descobertas, percebemo-nos unos em afetividade, comunhão, amor: é nossa porção sapiens manifestando-se. Mas também construímos uma das piores armas da humanidade a bomba atômica: é nossa porção demens que também se expressa. Diante de tudo isso é que se sustenta à

² Ilya Prigogine mostrou que os sistemas abertos questionam a linearidade do tempo, e o sentido não se encontra mais nas horas que passam, mas no quantum de emoção que cada atividade provoca em nós uma hora pode significar quatro ou mais horas assim como pode também significar minutos e/ou segundos depende do que estamos sentindo.

urgência de resgatar alguns valores há muito perdidos/adormecidos. Olhar para a História não significa saudosismo, tampouco desejar trazê-la de volta, entretanto é necessário um movimento de retorno para podermos avançar com mais sensibilidade, arregimentar forças para romper com a cultura do ter e para investir em saberes múltiplos que contribuam para um ser humano com mais humanidade, que se invista no saber enquanto conhecimento, mas que se complemente com o saber ser, com o saber compartilhar associados a um saber fazer/realizar, comprometido com o tempo presente, sem as efemeridades dos processos descartáveis.

A singularidade do saber ecológico consiste na transversalidade, quer dizer, no relacionar pelos lados (comunidade ecológica), para frente (futuro), para trás (passado) e para dentro (complexidade), [...] a ecologia é um saber das relações, interconexões, interdependências e intercâmbios de tudo com tudo em todos os pontos e em todos os momentos. Ela não é um saber de objetos de conhecimento mas de relações entre os objetos de conhecimento. Ela é um saber de saberes, entre si relacionados (BOFF, 1996, p. 109).

V Os procedimentos

O estudo foi desenvolvido considerando a singularidade irreduzível do objeto e a totalidade em que se inscreve, captando assim, o movimento coletivo e individual dos sujeitos - a Comunidade Morada da Paz, cenário onde se processa a prática profissional, objeto também desta análise.

Dois instrumentos constituíram as bases de sustentação para realização do estudo: um, a entrevista semi-estruturada e, o outro, a fotografia - o uso da imagem. Outros instrumentos também foram importantes para qualificar o exercício investigativo, tais como a observação participante, o diário de campo, que auxiliaram para a compreensão dos modos de vida na Comunidade e de uma análise sobre a prática profissional. As análises aqui processadas correspondem a um período entre 2004-2005.

A fotografia como instrumento de estudo nas ciências sociais e humanas ainda é pouco utilizada. É importante ressaltar que a escolha se deu, por acreditar que esse recurso possibilitaria a

apreensão de algumas situações com suas múltiplas dimensões, configurando diferentes olhares sobre a realidade. Considerei que olhar pela lente de uma máquina o olhar do outro e poder, ora ver a si mesmo e ora ver-se no olhar do outro também poderia ser uma estratégia de reflexão e aproximação de outras realidades.

Vivemos num mundo de imagens, e saber olhá-las implica, entre outras coisas, sair do lugar onde se está e exercitar a reflexão sobre aquela cena ali captada. Cada um vai ressignificando, de acordo com sua história, sua cultura.

Ao longo do processo, percebi também que a fotografia se tornou uma estratégia de socializar com os sujeitos o andamento do estudo, e a imagem é uma mediação entre sujeito/objeto.

A fotografia é um instrumento que, a partir do momento em que é selecionado um ângulo da complexa realidade, se expressa ao mesmo tempo o todo daquela realidade e as emoções nela subjacentes.

Olhar para o mundo é uma condição, compreendê-lo por meio desse olhar é uma busca eterna, instigante e fascinante [...] que pode levar-nos ao diferente e transformar o que estamos viciados a enxergar.(ANDRADE, 2002, p. 51).

Desse modo, a foto contém a 'imagem do real', ao mesmo tempo que contém histórias, vidas, intenções, saberes, ideologias, subjetividade, emoções. Ela é um paradoxo entre estática e movimento.

Da entrevista é importante considerar que não existe uma entrevista específica para quem trabalha com a Teoria da Complexidade, assim como não existe uma para a Teoria Marxista. A entrevista é um instrumento, quem opera o instrumento é que dá a direção, sentido e textura ao que quer captar.

A entrevista semi-estruturada é um dos instrumentos mais conhecidos e utilizados pelos assistentes sociais. Pois é através da entrevista que a comunicação se constrói, e é ela o *locus* onde se podem reconstruir histórias, provocar a memória, refletindo sobre o passado e o presente, bem como exercitar o acesso ao futuro, através da mente.

A escolha pela entrevista semi-estruturada ocorreu pela necessidade de contemplar alguns dados que pudessem responder ao objeto e por permitir uma espontaneidade de expressão por

parte dos entrevistados, permitindo, deste modo, uma maior possibilidade de diálogo e informações.

Foram as conversas as responsáveis pela aquisição e troca de informações a respeito dos eventos do cotidiano da Comunidade.

Outro instrumento utilizado, o diário de campo, acompanha-me desde o tempo da graduação. Ele permite a sistematização dos eventos da prática profissional, uma reflexão sobre as ações, interações e interlocuções com outros sujeitos co-autores desses movimentos, para uma ação que se propõe aberta e com disponibilidade de ser repensada constantemente.

Quando me refiro a esse modo de compartilhar com outros sujeitos eventos ocorridos na minha prática profissional, imediatamente me vem à mente uma frase de MORIN (2002c, p. 128), que diz:

[...] é preciso conceber o sujeito como aquele que dá unidade e invariância a uma pluralidade de personagens, de caracteres, de potencialidades [...]. Portanto, precisa-se de uma reconstrução, precisa-se das noções de autonomia/dependência; da noção de individualidade, da noção de autoprodução, da concepção de um elo recorrente, onde estejam, ao mesmo tempo, produto e o produtor. [...]. Precisamos, portanto, de uma concepção complexa do sujeito.

MORIN refere (1998a, p. 172), o diário de campo dizendo que ele “[...] não é uma acumulação de notas, mas relação que por si mesma provoca uma rememoração em cadeia de fatos inconscientemente registrados”.

VI Considerações Finais

Houve mais de 45 grandes acidentes industriais registrados, a maioria deles em países em desenvolvimento; em 1984 o acidente químico de Bhopal (Índia), provocou aproximadamente 2.800 mortos por produtos químico-radioativos; em 1986, em Chernobyl (Rússia), acidente nuclear com repercussões sobre a saúde humana, sentidas até hoje em diferentes partes do globo; acidente químico sobre o Rio Reno (Alemanha), com danos nucleares atingindo o Oceano Pacífico, contaminando criticamente o ambiente marinho da região; construção e manutenção de

mísseis capazes de destruir algumas vezes o planeta; guerras constantes e disseminadas em diferentes partes do mundo, com perdas de milhares de vida, de culturas, e danos irreparáveis ao patrimônio ambiental.

Dos aproximadamente 4,4 bilhões de pessoas que vivem em países em desenvolvimento, um número considerável delas tem sua vida afetada por questões ambientais: cerca de 60% necessitam de saneamento básico, 1/3 não tem acesso à água potável (salubre), 1/4 não dispõem de habitação adequada; 20% das crianças não frequentam a escola até o final do quinto ano e mais de 8% das crianças morrem antes de completar os cinco anos de vida.³

Segundo o Relatório WWF⁴, para manter a humanidade no estilo de vida atual, precisaríamos de nada menos que duas Terras, em 2050. Os países mais ricos, onde vivem apenas 20% da população do planeta, são os responsáveis por 86% das despesas totais com o consumo particular (privado), enquanto os 20% mais pobres da população mundial representam apenas 13% dessas despesas.

Esses eventos todos que foram citados são causa-consequência de um modelo de desenvolvimento que construímos e que se tornou ineficiente, às beiras de ser letal para a nossa sociedade e que muitas vezes passam imperceptíveis, mas deixam profundas seqüelas em nossa vida cotidiana.

Os eventos aqui arrolados são, infelizmente, apenas a ponta do iceberg. Desse modo, é impossível continuarmos falando de crescimento, de evolução, sem discutirmos desenvolvimento, preservação do meio ambiente e qualidade de vida. Hoje em dia, diz MORIN (2002a, p. 48) “[...] se vê que não há o futuro feliz. Há uma incerteza sobre o futuro. Estamos como uma navegação na noite e na neblina”.

Compreendi, então, que esse início de milênio exige que repensemos a legitimidade das práticas sociais, a forma como aparecem socialmente, os modos como se articulam. MARTINELLI (1999, p. 12) disse, certa vez, que

[...] a especificidade de uma dada prática não pode ser pensada como exclusividade, mas sim como

³ Dados retirados dos documentos FNUAP, 2001.

⁴ Relatório do Fundo Mundial para a Natureza.

forma peculiar de aproximação ao objeto, como construção singular de mediações.

MARTINELLI (1999, p. 12) legitima o que eu já havia sentido como uma verdade consumada a partir das experiências vivenciadas na Comunidade Morada da Paz, que

[...] o construtor da prática não é apenas o profissional que a realiza, mas o conjunto dos sujeitos que, articuladamente com o assistente social, dão vida e concretude à prática.

Pois então, esses sujeitos que colaboram, promovem e, em certo momento, inspiram e dão vida e consolidam às práticas, materializam a dimensão ética, política e cultural dessa mesma prática.

Vivemos no tempo presente, e este tempo clama por outro modo de viver. O que me faz lembrar de um filme dirigido por Godfrey Reggio – KOYAANISQATSI -, uma expressão que na profecia Hopi quer dizer “vida louca”, “vida tumultuada”, “vida fora de balanço”, “vida que pede por outro modo de viver”.

Como escreveu certa vez PESSOA (1999) “[...] olhar, olhar, olhar, depois fazer, fazer, fazer. É nesse movimento contínuo que vamos nos forjando em algo melhor” e deste modo desafiando-nos para não negar nosso papel de sujeitos de nossa própria história.

DORNELLES, D. F. Ecological awarness and sustainable community: challenges for social work. *Serviço Social & Realidade* (Franca), v. 17, n. 2, p.46-60.

ABSTRACT: This study aims to discuss the need to spread ecological awareness and the characteristics of a sustainable community. The analysis is made from a study on the practice of a social worker in the field of insertion, still poorly invested by social work, and which already demands greater attention for this area of intervention. A criticism of the limits of the existing paradigm, based on the analysis developed, is presented in the conclusions.

KEYWORDS: Sustainability; Awareness; New expressions of the social issue.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 6. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

A CARTA da Terra: valores e princípios para um futuro sustentável. Petrópolis: Centro de Defesa dos Direitos Humanos, 2004.

ADRIANO, Ana Lúcia. *Pluralismo e Serviço Social*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, PUCSP, São Paulo, 2004.

ANDRADE, Rosane de. *Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro*. São Paulo: Estação Liberdade: EDUC, 2002.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Do iceberg à arca de Noé: o renascimento de uma ética planetária*. [S.l]: Garamont, 2002.

CAPRA, Fritjof. *Teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2002.

DORNELLES, D. Yaşodã F. *A prática do assistente social em uma comunidade sustentável: Desafios para a sociedade contemporânea*. São Paulo:Blucher,2008.

FERGUSON, Marylin. *A conspiração aquariana*. São Paulo: Objetiva, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

MARIOTTI, Humberto. *As paixões do ego: complexidade, política e solidariedade*. São Paulo: Palas Atenas, 2000a.

_____. *Complexidade e pensamento complexo: texto introdutório*. 2000b. Disponível em: <<http://www.geocities.com/pluriversu/introduct.html>>. Acesso em: 26 ago. 2005.

MARTINELLI, Maria Lúcia (Org.). *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Veras, 1999.

_____. *Serviço social e sociedade*. São Paulo: Cortez, 1994.

MARTINELLI, Maria Lúcia. *Serviço social: identidade e alienação*. São Paulo: Cortez, 1998.

MATURANA, Humberto; VARELLA, Francisco. *De máquina e seres vivos: autoridade: a organização do vivo*. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORAES, Mara Cândida. *Pensamento no-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORIN, Edgar. *O método I: a natureza da natureza*. Lisboa: Publicação Europa-América, 1977.

_____. *O método II: a vida da vida*. Lisboa: Publicação Europa-América, 1980.

_____. *Ciência com consciência*. Lisboa: Publicação Europa-América, 1982.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

_____. *O método II: a vida da vida*. 3. ed. Lisboa: Publicação Europa-América, 1997.

_____. *O método*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1998a.

_____. *Sociologia: a sociologia do microssocial ao microplanetário*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1998b.

_____. *Os sete saberes necessários para a educação do futuro*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001a.

_____. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, repensar o pensamento*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002a.

MORIN, Edgar. *O método II: a vida da vida*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002b.

_____. *Em busca dos fundamentos perdidos*. Porto Alegre: Sulina, 2002c.

_____. *Ninguém sabe o dia em que nascerá*. São Paulo: ed. UNESP, 2002d.

_____; KERN, A. B. A carta da identidade terrena. In: *Margem*. São Paulo: EDUC, 1994, p. 9-26.

MARX, Karl. *Formação econômica pré-capitalistas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. *Miséria da filosofia*. São Paulo: Mandacaru, 1990.

Artigo recebido em 10/2008. Aprovado em 01/2009